

# A beleza das linhas tortas

Ana Pérez-Quiroga define-se como escultora e o seu domínio é o da instalação, mas até aqui chegar trilhou um longo percurso académico. Há pouco tempo instalou o seu ateliê no palacete da Rua do Século onde nasceu o marquês de Pombal

Texto de **Telma Miguel**  
Fotografias de **António Pedro Santos**

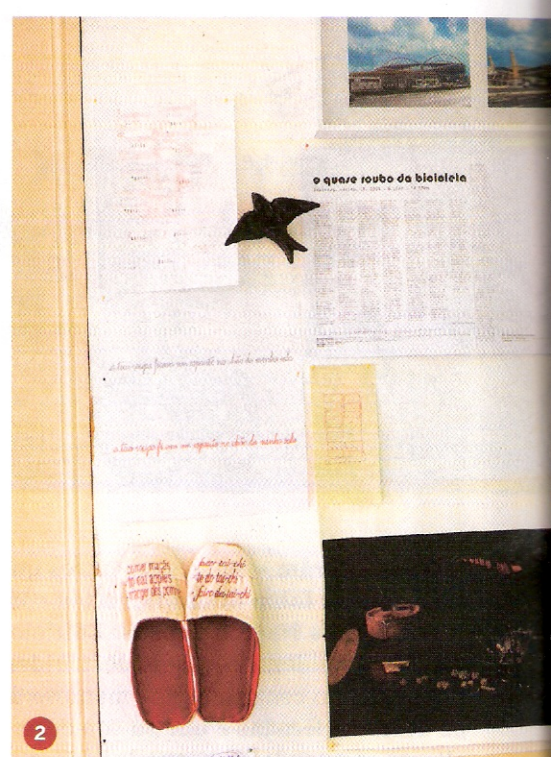
**A**NA vive na Baixa pombalina, num 5.º andar sem elevador da Rua Áurea, e tem o ateliê na casa onde nasceu o marquês de Pombal. Por causa da coincidência de habitar um prédio construído no âmbito dos planos de urbanização ordenados pelo ministro de D. José I, após o terramoto de 1755, e trabalhar na casa onde esse homem nasceu, o irmão de Ana Pérez-Quiroga define-a como apadrinhada pelo marquês.

Um título auspicioso e correcto se tivermos em conta a ligação do marquês também com a reconversão do ensino e do ensino artístico no Portugal pouco instruído do século XVIII. As luzes que atraíram Sebas-

tião José de Carvalho e Melo também conduziram Ana Pérez-Quiroga por um involuntariamente longo périplo académico. Primeiro, Ana escolheu História à saída do liceu. «Quando era pequena achava que queria ser artista. As minhas brincadeiras eram com casinhas e achei que isso me conduzia à Arquitectura. Mas depois decidi-me pelo que achei que era o mais fácil. E eu nunca fui muito boa aluna».

## Três licenciaturas

Feita a História, a 'má aluna' deriva para as artes. Inscreve-se no curso de Design de Mobiliário da Escola Ricardo Espírito Santo Silva. Queria «pôr objectos num contexto» e





1

1. Sala principal, onde se pode ver os painéis verdes de *Pronúncia/Accent* 2. Placard junto à mesa de trabalho 3. Ana Pérez-Quiroga, na janela por onde entra o som do piano 4. Uma peça antiga 5. Trabalho em execução, com vestidos de bonecas velhos

Queria 'pôr objectos num contexto' e durante dois, três anos desenhou mobiliário e fez projectos de decoração

durante dois, três anos desenhou mobiliário, fez projectos de decoração e pô-los no contexto dos desejos contraditórios dos clientes. até que, 'Eureka', percebeu: não era nada daquilo. «Percebi que o que me interessava era seguir o meu trabalho só para mim. No fundo, apercebi-me de que a minha realização passava por uma coisa muito mais artística. E isso foi-se tornando cada vez mais evidente».

Ana Pérez-Quiroga ainda fez uma pós-graduação em Recuperação do Património, no Instituto Superior Técnico, antes de entrar finalmente em Belas Artes, um curso de cinco anos que a definiu como escultora: «Sou escultora, mesmo as fotografias que faço são muito instalação».

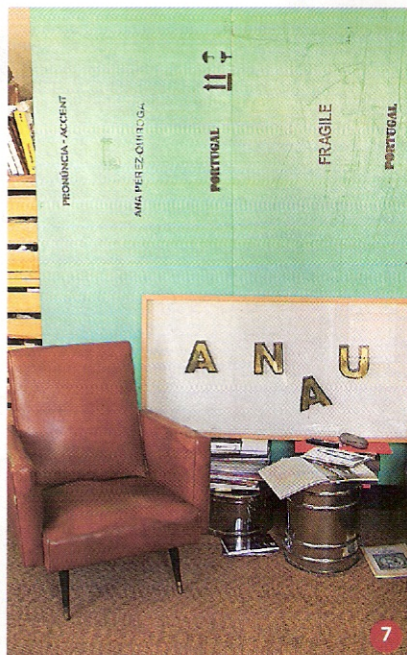
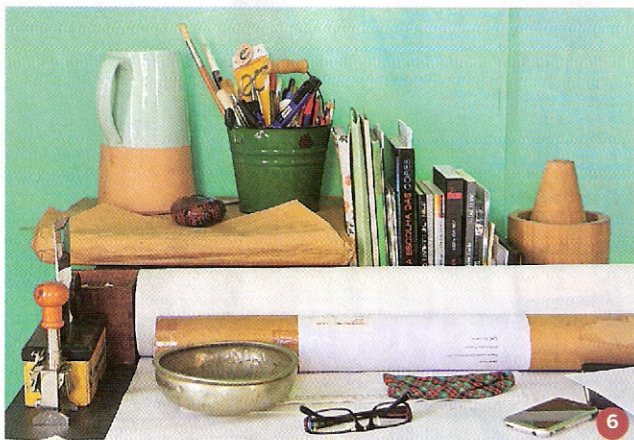
A partir daí, há dez anos, após três licenciaturas, Ana começou a expor. Em Évora, enquanto dava aulas na Universidade, concluiu um mestrado em Artes sobre Ana de Gonta Colaço, uma escultora da primeira

metade do século XX que estudou em Paris e morreu nova, aos 51 anos.

### Um bug em Xangai

A obra *Pronúncia/Accent*, exposta numa mostra colectiva de artistas portugueses denominada *Where are you from*, que decorreu no Iowa em 2007, evidencia as características do seu trabalho, que a artista sintetiza assim: «O que faço é apropriar-me dos objectos do quotidiano e recriá-los para uma interpretação artística». Na colectiva nos EUA, Ana instalou uma espécie de cubículo, com uns painéis de um verde vibrante que estão agora no seu ateliê, recheado das encomendas típicas dos indianos. «Em vez de usar papel para forrar as encomendas, os indianos usam tecido e escrevem a morada nesse tecido. Eu fiz várias cópias de um pacote que encontrei com um tecido brocado e com a mesma morada bordada à mão em todos eles». →

6. Objectos de trabalho 7. Peça com letras de latão 8. Vasos de cerâmica da escultora 9. Pronúncia/Accent, peça exposta numa exposição nos EUA 10. Vista do ateliê para o exterior



Uma camurça encontrada ao acaso na rua, na zona do Tribunal da Boa Hora, ou vestidos perdidos de bonecas e destinados ao lixo, servem igualmente para Ana fazer a sua obra. Recentemente, na exposição **A Beleza do Erro** (que decorreu na LX Factory) expôs uma série de fotos que resultaram desse jogo da fortuna.

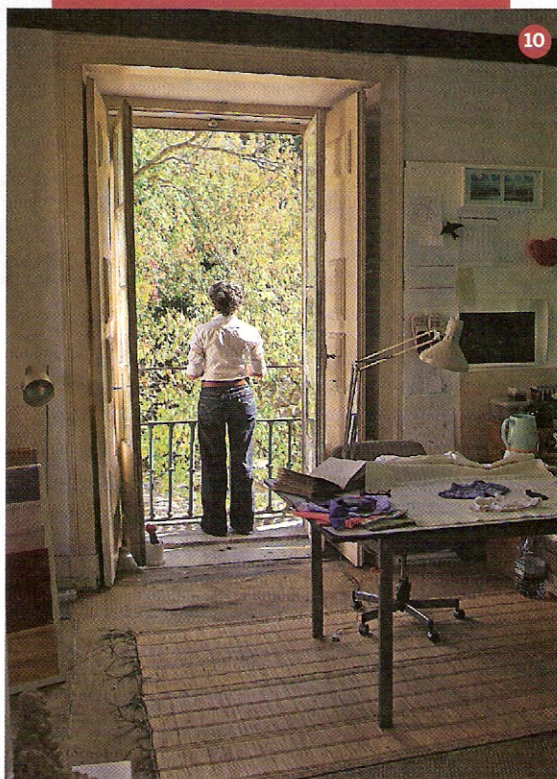
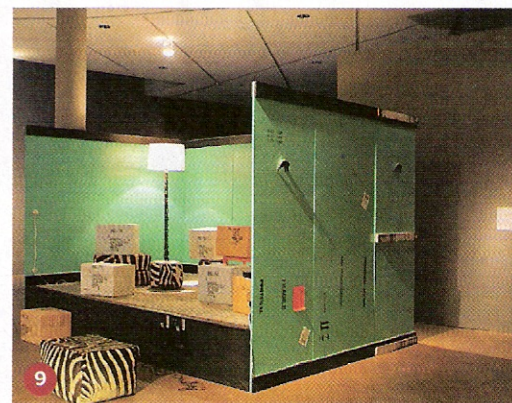
Em 2008, passou três meses em Xangai como bolsista da Fundação Oriente. Embora a ideia inicial fosse percorrer a China, Ana deteve-se, fascinada pela super-metrópole onde «o Oriente e Ocidente se fundem, num ritmo vertiginoso». E como qualquer pessoa em confronto com uma realidade espantosa, Ana quis fotografá-la. E foi aí que o erro e a sorte entraram em jogo. Quando passou para o computador as imagens captadas no cartão de memória, comprado numa loja local, percebeu que um *bug* tinha manipulado de livre vontade a realidade. «As imagens estavam pixelizadas, com faixas sobrepostas e às cores. Como já tinha sido convidada para **A Beleza do Erro** percebi imediatamente que o meu trabalho seria aquele».

### Doutoramento em mudanças

Na porta do edifício vê-se um *placard* que anuncia obras de reabilitação. Essas obras apenas ocuparão um canto do palacete que também serve de morada (uma de muitas) à Escola Superior de Dança, na Rua do Século, em Lisboa, e onde Sebastião José nasceu, em 1699. «Daqui a uns dois anos terei que sair», lamenta Ana, ainda em fase de encantamento com a zona que considera «das mais lindas de Lisboa».

A janela da frente da sala principal do ateliê dá directamente para o largo, uma árvore enche a vista. Pela janela da última sala, já sobre a Rua da Academia das Ciências, entra o som do piano das aulas de dança. Um contexto per-

Ao ver as imagens no computador percebeu que um *bug* manipulava a realidade



feito para trabalhar: Dentro de algum tempo o imóvel ocupado por um gabinete de arquitectura e outros artistas plásticos será transformado em habitações de luxo. Ana, que está lá há cinco meses, vinda de um apartamento na Rua Braancamp dividido por um grupo de artistas, terá de procurar outro local.

Nessa altura estará provavelmente a fazer o doutoramento a que se propõe sobre instalação e também sobre a sua própria obra, um caminho de aprendizagem que irá reflectir-se agora sobre o seu próprio percurso artístico. Ana, que começou por não ter sido «muito boa aluna» na juventude, tornou-se uma estudante compulsiva, embora não valorize demasiado os seus graus académicos: «Comecei a perceber que estudar me interessava profundamente, mas continuo a ser muito selectiva no que quero aprender. E, no fundo, todo o percurso que fiz foi o de me aproximar da arte». Mesmo que por linhas enviesadas.

E esse percurso faz com que perceba os estudantes de Educação Visual da Escola Dona Luísa de Gusmão, em Lisboa, a que dá aulas. «Em muitos casos os alunos perdem-se com o ensino que têm», lamenta.

Por isso, faz questão de transmitir aos alunos o mesmo gosto que tem de aprender, porque recorda o aborrecimento do estudo na idade em que a vida fora das salas parece tão mais atraente. «Os meus alunos adoram geometria. Podem não ter muito jeito, mas eu tenho muita paciência para ensinar», garante. 